



4 A IMAGEM DA CAPA

- 8 EM DIA HISTÓRIA TAMBÉM É NOTÍCIA
A construção de uma via expressa ameaça o patrimônio arqueológico de São Luís.

14 AGENDA EVENTOS CULTURAIS BRASIL AFORA

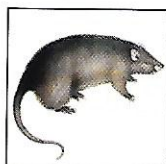


16 DOSSIÊ DESCOBRIMENTOS

18 **Tem gente**

Por Rodrigo Elias

Descoberta de Colombo inaugurou um novo conceito de Humanidade.



22 **Cotidiano mareado**

Por Fábio Pestana Ramos

Tempestades, calmarias, fome, sede e doenças faziam parte da rotina dos navegantes.

26 **Descaminhos de Américo**

Por Plínio Freire Gomes

A vida errante do florentino que deu nome ao continente.

31 **Pacífico?**

Por Gabriel Passetti

Violentos choques culturais marcaram a ocupação da Oceania.

32 **Com a palavra, Nigel Cliff**

Por Alexandre Leitão

Em entrevista, o pesquisador inglês fala sobre a importância de Vasco da Gama.

34 **Galeria de descobridores**

36 **Descoberta, conquista ou invenção?**

Por Maria Teresa Toribio Brittes Lemos

Acontecimento que mudou a face do planeta é motivo de debate entre estudiosos.



REPORTAGEM

39 **O que move os viajantes?**

Por Cristina Romanelli

Aventureiros encaram desafios cada vez mais difíceis em lugares cada vez mais remotos.



EDUCAÇÃO

44 **Quando a Bahia vai até você**

Por Ilana Seltzer Goldstein

Ao falar de sua terra natal, Jorge Amado ilumina a história do Brasil e alcança temas universais.

48 **Bombachas ensanguentadas**

Por Jacqueline Ahlert

Gaúchos entraram na Guerra de Canudos com trajes típicos e bárbara prática de degola.

ENTREVISTA

52 **Ciro Flamarion Cardoso**

Por Rodrigo Elias e Bruno Garcia

"Nas últimas décadas, a sociedade não mudou só de etapa; ela se tornou radicalmente outra."

LEITURAS

58 **A arte resiste**

Por Ricardo Souza de Carvalho

*Na Espanha de Franco, João Cabral e Murilo Mendes usaram seus versos para contestar a ditadura.*64 **Enquanto isso...**

Por Marcello Scarrone

A prosa e a poesia que circulavam pelo mundo de Murilo Mendes e João Cabral de Melo Neto.

RETRATO

66 **Um árabe bem brasileiro**

Por André de Faria Pereira Neto

Por trás do fabuloso Malba Tahan, "o homem que calculava" era Júlio Cezar de Mello e Souza.

PERSPECTIVA

70 **Contra a ditadura, jornais e Coca-Cola**

Por Felipe Scovino

*Os artistas plásticos Cildo Meireles e Antonio Manuel fizeram da ironia uma arma contra a opressão.*76 **Insegurança pública**

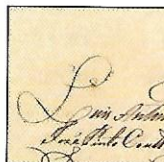
por André Rosemberg

Na Polícia paulista do Império, grassavam casos de corrupção e desvios de conduta entre os "agentes da ordem".

QUADRINHOS

80 **O inferno é eterno**

Por Laudo Ferreira

*Famoso auto do português Gil Vicente soa atual 500 anos depois.*84 **ALMANAQUE** HUMOR E CURIOSIDADES89 **POR DENTRO DA BIBLIOTECA**
Para ver Deus nascer quadrado

Por Lia Jordão

*Detentos de Cadeia da Corte imploram por capela em carta a D. João VI.*92 **LIVROS**96 **CARTAS**

A HISTÓRIA DO HISTORIADOR

98 **Enfim, Moçambique**

Por Valdemir Zamparoni

Nos anos 1970, o país africano ainda era novidade como objeto de estudo no Brasil.

ANDRÉ DE FARIA PEREIRA NETO
PEDRO PAULO SALLES

O homem que criava

Dedicado às letras e ao ensino, Malba Tahan conseguiu levar para as salas de aula uma Matemática tão curiosa quanto seu nome

P

OUCA GENTE SABE que por trás de Malba Tahan, o nome do autor do conhecido livro *O homem que calculava*, publicado pela primeira vez em 1937 e que se encontra na 70ª edição, se esconde o brasileiro Júlio Cezar de Mello e Souza (1895-1974). Em geral, seus leitores ficam convencidos de que ele foi um escritor árabe que publicou seus livros em Bagdá no século XIX, e que eles chegaram ao público brasileiro graças ao tradutor Breno de Alencar Bianco – outra de suas invenções. Estas são, pelo menos, as informações que constam nas primeiras páginas de seus livros. Depois da dedicatória e dos comentários do tradutor, o leitor se diverte e

aprende Matemática por meio de histórias, problemas e desafios, muitos deles protagonizados por Beremiz.

Mas por que um brasileiro escolheu exatamente um personagem do mundo árabe para tentar fazer com que a Matemática se tornasse algo divertido e curioso?

Júlio Cezar nasceu no dia 6 de maio de 1895 no Rio de Janeiro e passou sua infância em Quiluz, cidade do estado de São Paulo. Filho de uma família sem recursos, com oito irmãos, não tinha brinquedos. Por esta razão, colecionava e se divertia com sapos. Como qualquer criança, dava nomes aos seus animais de estimação, atribuindo-lhes uma identidade particular. O pai era um modesto funcionário do Ministério da Justiça, e a mãe era professora primária. Em sua casa funcionava uma escola que recebia numa mesma sala crianças de diferentes faixas etárias e níveis escolares. Graças a esta influência, quase todos os seus irmãos seguiram o magistério. Com cerca de 11 anos de idade, Júlio Cezar foi morar no Rio de Janeiro para estudar no Colégio Militar e depois no Colégio Pedro II. Formou-se professor pelo Instituto de Educação, e depois em Engenharia pela Escola Politécnica.

Até 1925, Júlio Cezar era um modesto professor de Matemática que trabalhava em diferentes colégios públicos e particulares, e também como jornalista. Começou no jornal *O Imparcial* em 1918.

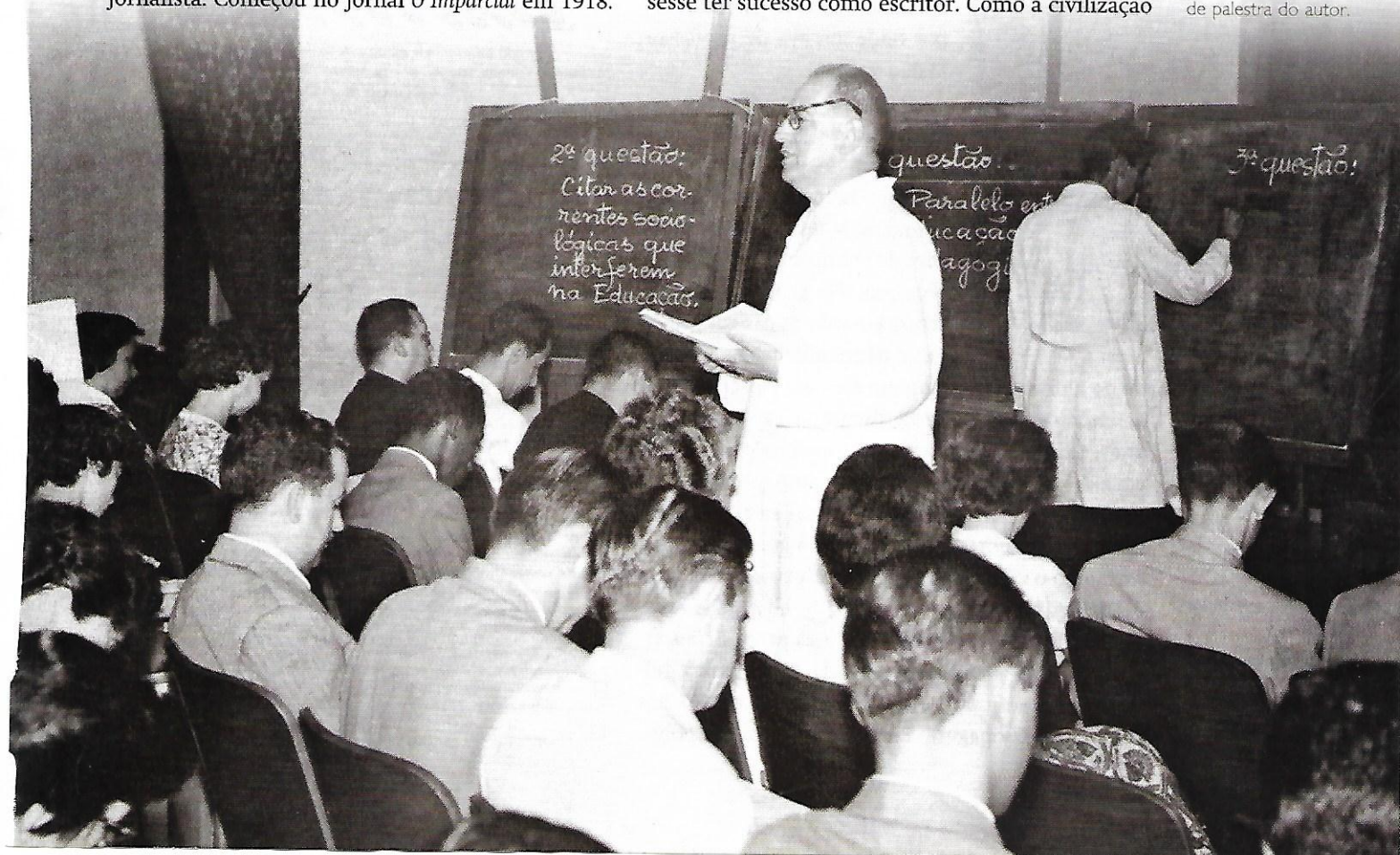
Enquanto atuava na redação, escreveu um conto curto para ser lido no bonde e decidiu mostrá-lo ao redator. Constatou que o conto havia sido colocado sob um peso de chumbo na mesa do redator, para a folha não voar. No dia seguinte, o chumbo continuava em cima da folha ainda intocada. Analisando os motivos que levavam o redator a não publicar seu

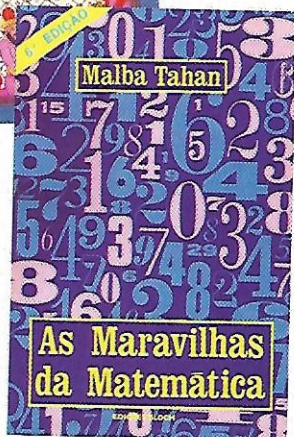
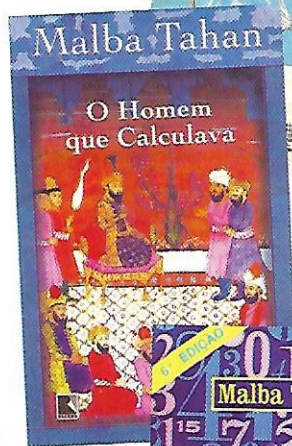
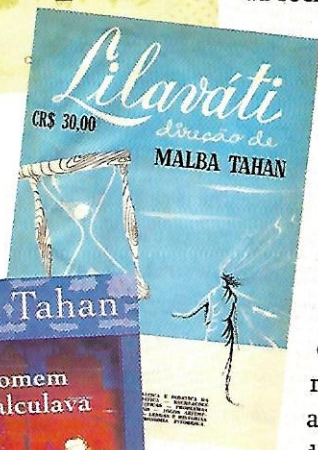
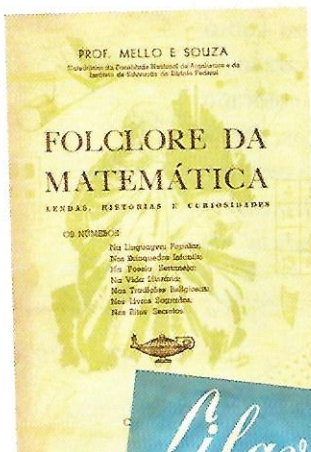
Seus livros revelam um profundo conhecimento da cultura, da história e da geografia do Oriente, apesar de o autor nunca ter visitado qualquer país dessa região

conto, tirou-o de baixo daquele peso e substituiu seu nome, que estava no pé da folha, por outro nome inventado na hora: R. V. Slade. Virou-se para o redator e disse: "Aquele conto que escrevi e lhe dei na semana passada era muito fraco mesmo. Não valia nada. Eu acabo de descobrir este escritor americano formidável! Ele é muito curioso! Então eu traduzi este conto, que é desconhecido no Brasil". O conto acabou sendo publicado naquela semana, e com destaque na primeira página.

Embora o país estivesse vivendo um movimento de valorização da cultura nacional – na época, o meio artístico repercutia a Semana de Arte Moderna de 1922 –, Júlio Cezar chegou à conclusão de que deveria criar um pseudônimo estrangeiro se quisesse ter sucesso como escritor. Como a civilização

Júlio Cezar achou necessário usar um pseudônimo estrangeiro para ter sucesso como escritor. Na página anterior, desenho de Malba Tahan, feito por Botelho. Abaixo, foto de palestra do autor.





Como Malba Tahan a partir de 1925, Júlio Cezar publicou mais de 100 livros. Acima, as capas de alguns, como *O homem que calculava*.

Júlio Cezar se engajou em várias causas, como a defesa dos que sofriam de lepra, e foi diretor da revista *Damiano*. Ao lado, uma edição de 1957 aborda a situação da doença.

árabe havia se notabilizado na Matemática e na Literatura, escolheu um nome árabe. Pragmático, afirmou no depoimento prestado ao Museu da Imagem do Som no dia 25 de abril de 1973 que esta opção foi feita friamente. Segundo ele, "não houve inspiração nenhuma!" Escolhido o pseudônimo, Júlio Cezar passou a estudar com afinco a cultura da sociedade árabe.

O personagem Malba Tahan nasceu em 1925 com a publicação de seu primeiro livro: *Contos de Malba Tahan*. Segundo ele, Malba seria o nome de um oásis, enquanto Tahan significa aquele que prepara o trigo. Suas histórias revelam um profundo conhecimento da cultura, da história e da geografia do Oriente, apesar de ele nunca ter visitado qualquer país dessa região. Durante 15 anos, ninguém suspeitou que Malba Tahan fosse, na verdade, Júlio Cezar. Aos poucos, a criatura se confundia com seu criador, e o professor Júlio Cezar de Mello e Souza passou a ser chamado por onde andava de professor Malba Tahan.

O sentido geral de sua obra, composta de 117 livros publicados em menos de 25 anos de vida literária, era um só: tornar a Matemática algo divertido, curioso e associado à vida real. No seu entender, as teorias matemáticas complicadas e desvinculadas da realidade do aluno fazem com que ele passe a sentir uma verdadeira aversão a esta disciplina. Pregava, há 60 anos, que a Matemática fosse ensinada de forma curiosa, divertida, recreativa, como propõem os títulos de seus livros didáticos. Com eles, o aluno é levado a descobrir por si mesmo o conhecimento, tornando-o válido e significativo. Ideias como estas podem parecer banais nos dias de hoje, mas revelam o enorme pioneirismo de suas proposições.

Sua visão sobre o ensino da Matemática talvez justifique o fato de Júlio Cezar ter criado seu principal personagem: Beremiz, um cidadão pobre

que aprendeu a contar premido pelas exigências da vida cotidiana. Um calculista com excelente memória e sólidos princípios morais e éticos. Um personagem árabe, e não europeu. Um homem do povo, e não um califa. Alguém que veio de uma aldeia, não de uma cidade. Um empregado, um pastor, e não um dono de terras.

Beremiz é um personagem encantador, que nunca existiu de fato, mas, graças a Júlio Cezar, está vivo na memória e na literatura, como Aladim e Peter Pan. Diferentes gerações de jovens e de adultos encontraram inspiração em suas histórias, compartilhando seu amor pela magia dos números. O lugar que Beremiz ocupa nas histórias de Júlio Cezar revela o esforço do autor em valorizar o conhecimento leigo, não sistematizado, ressaltando sua eficiência e sua utilidade para a sociedade. Assim, o criador inventou uma criatura para transmitir seus valores, sua visão de mundo e sua concepção didática de Matemática.

Júlio Cezar faleceu no Recife no dia 18 de junho de 1974, vítima de um infarto fulminante. Estava lúcido e extremante produtivo, tanto que havia se deslocado para Pernambuco a fim de fazer conferências. Suas palestras continuavam

Damiano

Redimir pela verdade combatendo os erros e preconceitos

REDAÇÃO: RUA 1.ª DE MARÇO, 15 - 2.º ANDAR RIO DE JANEIRO

Diretor responsável: MALBA TAHAN

Redator-chefe: HUMBERTO MESENTIER

Diretor-técnico: DR. OLAVO DE ANDRADE LIRA

Nº IV OUTUBRO DE 1956 NÚMERO 26

Síntese do programa da luta contra o mal de Hansen

O Prof. Dr. Orestes Diniz, ao tomar posse no cargo de diretor da S. N. L., ao ser solicitado pela imprensa, deseja transmitir aos seus leitores esclarecimentos sobre o grande problema médico-social que interessa a todos os brasileiros, fixou o seu programa de ação em cinco pontos:

Primeiro — Proporcionar tratamento pelas sulfonas a todos os doentes existentes no país, encontrem-se eles internados em leproários matriculados em dispensários ou nos próprios domicílios. Onde estiver um doente de lepra, deverá ele receber sulfonas em quantidade suficiente para se tratar. Disse Dr. Orestes Diniz que "hoje após dez anos de experiência com a sulfonoterapia, nós, leprologos, estamos absolutamente certos de que essa medicação, embora não seja ainda capaz de resolver o problema do tratamento da lepra".

Segundo — Procurar o S. N. L. intensificar a campanha do BCG em massa, visando-se assim a conferir resistência às populações contra a infecção leprotica, pois, como se sabe, essa vacinação tem valor não somente na prevenção da tuberculose como também da lepra.

Terceiro — Exame dos comunicantes ou conviventes com os doentes, pois não basta tratar os declaradamente enfermos, deixando de atender aqueles que podem estar propensos a contrair a enfermidade.

Quarto — Difusão do ensino da leprologia, procurando realizar convênios com as escolas de medicina, no sentido de incentivar o ensino da especialidade a doutorandos, para que possam, mais tarde, ingressar nessa cruzada nacional contra a lepra.

Quinto — Organização de um serviço de reajustamento social dos egressos dos leproários, já que os ex-doentes, geralmente, lutam com as maiores dificuldades para se reintegrarem no seu meio social, em virtude da repulsa demonstrada pelo povo. Procurará, inclusive sempre que possível, tratar o doente no seu próprio domicílio.

("Diário da Tarde", Belo Horizonte, 3 de abril de 1956)



Saiba Mais

D'AMBROSIO, U.
Etnomatemática. Elo entre as tradições e a modernidade. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2001.

LORENZATO, Sergio.
"Um (re)encontro com Malba Tahan". *Revista Zetetik*, ano 3, nº 4. Campinas: novembro de 1995.

TAHAN, Malba. *O homem que calculava.* Rio de Janeiro: Editora Record, 2007.

Internet
www.malbatahan.com.br

ACERVO - MALBA TAHAN - DIREITOS AUTORAIS RESERVADOS



atraindo muita atenção, e sua performance era comparável à de um verdadeiro comunicador de massa. Além disso, escrevia uma coluna diária no jornal carioca *Última Hora*. Estava aposentado depois de ter lecionado por muitos anos no Instituto de Educação, no Colégio Pedro II e na Faculdade de Arquitetura da atual Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ).

Malba Tahan é considerado hoje, ao lado de Sam Loyd, Yakov Perelman e Martin Gardner, um dos mais importantes popularizadores da Matemática no mundo. Ele é tido como um dos pais da atual etnomatemática, que busca conhecer as regras e tradições matemáticas utilizadas por diferentes grupos étnicos e culturais. A versão em língua estrangeira de *O homem que calculava* já pode ser encontrada em diferentes países da Europa, da América e da Ásia. Malba Tahan e Beremiz estão chegando a lugares onde Júlio Cezar nunca esteve. Dos 117 livros que publicou, apenas 17 estão atualmente disponíveis para o público brasileiro. Outros devem ser reeditados em breve.

Cabe lembrar que o sonho de Malba Tahan de promover a humanização do ensino da Matemática ainda não foi realizado. Apesar do esforço de inúmeros educadores, a Matemática continua

Aos poucos, a criatura se confundia com seu criador, e o professor Júlio Cezar de Mello e Souza passou a ser chamado por onde andava de professor Malba Tahan

sendo ensinada, em linhas gerais, da mesma forma que Malba Tahan condenou 60 anos atrás. Entre as instituições que estão voltadas para o objetivo de Malba Tahan destacam-se a Sociedade Brasileira de Educação Matemática e o Círculo de Estudo, Memória e Pesquisa em Educação Matemática, da Faculdade de Educação da Unicamp. Outros professores têm publicado livros didáticos, desenvolvido pesquisas, publicado artigos ou defendido dissertações de mestrado e teses de doutorado analisando ou aproveitando diferentes dimensões de sua obra. Esta é uma prova de que o trabalho de Júlio Cezar continua inspirador. Seu acervo pessoal está depositado na Faculdade de Educação da Universidade de Campinas, e boa parte de sua vida e obra está disponível para o público em um site recém-lançado pela família e por admiradores do autor. **H**

As histórias de Malba Tahan incentivavam o ensino recreativo e divertido de Matemática. Acima, Júlio Cezar entre as alunas do Instituto de Educação.

ANDRÉ DE FARIA PEREIRA NETO É PESQUISADOR DA FUNDAÇÃO OSWALDO CRUZ E PEDRO PAULO SALLES É PROFESSOR DA UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO.